

O MODO DE ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVO NO GÊNERO BLOG E A DIVERSIDADE CONTRATUAL

THE ENUNCIATIVE ORGANIZATION MODE IN THE GENDER BLOG AND THE CONTRACTUAL DIVERSITY

Paula Crespo Halfeld
Mestre em Língua Portuguesa
Universidade Federal do Rio de Janeiro
(paula.halfeld@gmail.com)

RESUMO: Este artigo tem o propósito de analisar a forma como o modo de organização enunciativo se materializa em publicações retiradas de dois *blogs* da internet: *Morando Sozinha* e *Blog do Juca Kfour*. O trabalho identificará as categorias linguísticas da enunciação e os procedimentos de encenação discursiva nestas publicações, associando-os aos efeitos de sentido produzidos e ao contrato de comunicação estabelecido entre os interlocutores. Como aporte teórico, o trabalho será pautado pela teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau.

Palavras-chave: Enunciação; Blog; Contrato de comunicação

ABSTRACT: This article aims to analyze how the enunciative organization mode materializes on publications of two blogs on the Web: *Morando Sozinha* and *Blog do Juca Kfour*. This paper will identify the linguistic categories of enunciation and discursive staging procedures in these publications, relating them to the effects of meaning produced and communication contract between the parties. The paper will be guided by Semiolinguistics theory, by Patrick Charaudeau.

Keywords: Enunciation; Blog; Communication contract

Introdução

A percepção de que todo ato de linguagem pressupõe uma relação de reciprocidade entre um **Eu** e um **Tu** surgiu no momento em que os estudos sobre a enunciação tomaram força, na década de 1960, com a obra de Émile Benveniste. A descrição do chamado “aparelho formal da enunciação”, isto é, das marcas linguísticas que revelam o posicionamento do enunciador no enunciado, permitiu postular que o homem se inscreve na língua, deixando nela traços de sua subjetividade.

Este trabalho tem o propósito de analisar de que maneira se materializa o modo de organização enunciativo em dois textos retirados de blogs da internet. O primeiro texto foi selecionado do blog **Morando Sozinha**, dedicado a temas do universo doméstico e feminino: maquiagem, decoração, moda, livros, finanças pessoais etc. O segundo texto foi extraído do blog do jornalista Juca Kfour, cuja temática está apoiada em questões esportivas e políticas. A hipótese aventada neste

artigo é a de que, apesar de pertencerem a um único gênero textual, essas publicações apresentam diferenças no que tange ao contrato de comunicação firmado entre os interlocutores, as quais podem ser identificadas a partir de um exame das categorias enunciativas de discurso.

Para atender ao objetivo proposto, o trabalho apresenta, em um primeiro momento, o conceito de enunciação, tanto do ponto de vista linguístico quanto do ponto de vista discursivo, e o modo de organização enunciativo, com suas modalidades e categorias. Posteriormente, é apresentada a metodologia adotada para o exame dos textos neste trabalho. Em seguida, são feitas algumas considerações acerca do surgimento e difusão dos blogs, e sobre algumas de suas principais características, as quais são observadas, na sequência, com a análise dos textos.

O objetivo geral deste artigo é mostrar que o modo enunciativo permeia textos de diferentes finalidades e contratos, e que, de forma implícita ou explícita, a língua está sempre envolvida por certa subjetividade.

A enunciação

O conceito de enunciação, do ponto de vista da Análise do Discurso, atravessa duas concepções que, embora distintas, articulam-se uma com a outra: a concepção linguística e a concepção discursiva.

A primeira diz respeito às marcas linguísticas que refletem a presença e o posicionamento do enunciador no enunciado (pronomes de 1ª e 2ª pessoas, tempos verbais, advérbios temporais e modais, dêiticos, adjetivos e nomes afetivos etc.). Esta visão mais “restrita” da enunciação foi impulsionada pela obra de Émile Benveniste, na década de 1960, considerada fundadora.

A concepção discursiva, por sua vez, refere-se à enunciação em sentido amplo, ou seja, ao processo pelo qual o sujeito encena seu dizer a partir da situação de comunicação, do universo de referências compartilhado com seu interlocutor, dos efeitos de sentido que pretende produzir, dentre outros parâmetros de ordem contextual, social e psicológica.

Essas duas concepções estão diretamente relacionadas com a distinção entre situação de comunicação e situação de enunciação: a situação de comunicação compreende o contexto efetivo de um ato de linguagem, o dispositivo

sócio-comunicacional que o engloba e que fornece instruções/pistas ao sujeito falante sobre a situação comunicacional e discursiva e sobre a identidade de seu interlocutor – ou seja, diz respeito às condições contratuais do ato; já a situação de enunciação corresponde ao modo pelo qual o sujeito usa essas instruções para encenar seu discurso, estando associada, portanto, a toda produção verbal.

Daí a articulação entre as concepções discursiva e linguística: o ato de linguagem é permeado por instruções discursivas e situacionais (concepção discursiva), que irão pautar as escolhas do sujeito falante com relação às marcas linguísticas a serem empregadas para encenar seu dizer dentro de um propósito comunicativo (concepção linguística).

Com base nessas duas acepções (linguística e discursiva ou restrita e ampla, respectivamente), Maigneueau (2009) destaca outras duas abordagens sobre as quais dialogam alguns linguistas do discurso – a versão fraca e a versão forte:

Essa distinção [concepções linguística e discursiva] atravessa uma outra, entre uma concepção fraca – aquela de uma “linguística dos fenômenos de enunciação” – e uma versão forte – aquela referente a uma “linguística enunciativa. A primeira analisa um conjunto de fenômenos linguísticos (emprego das pessoas, dos tempos, dos modos, discurso citado etc.) sem que isso implique uma visão específica da linguagem. No caso da segunda, de que se ocupou principalmente a Escola de Culioli (1990, 1990a, b), “uma concepção enunciativa da linguagem consiste em sustentar que é na enunciação – e não em realidades abstratas pré-construídas como a língua ou a proposição – que se constituem essencialmente as determinações da linguagem humana” (RELPRED, 1990, p. 792). (MAINGUENEAU, 2009, p. 194)

A despeito dessas distinções, não se deve perder de vista que mesmo em uma análise direcionada à apreensão das marcas linguísticas da enunciação não se pode prescindir dos dados da situação de comunicação, das imagens construídas dos interlocutores e de suas referências compartilhadas, os quais compõem o universo de discurso no qual se instaura o ato de linguagem.

Modo de organização enunciativo

A partir do contexto situacional e discursivo, o sujeito falante articula elementos da língua para encenar seu discurso a fim de produzir um sentido específico. O emprego e a ordenação de determinadas categorias linguísticas

segundo um propósito comunicativo consiste no que a teoria Semiolinguística do discurso denomina de **modo de organização do discurso**.

Assim, se a função pretendida é a de identificar e qualificar seres, coisas e processos, o modo de organização é o descritivo; se a função é a de mostrar a sucessão de ações de uma história, o modo é o narrativo; se o propósito é expor um ponto de vista e defendê-lo com o estabelecimento de relações de causalidade a fim de influenciar o interlocutor, o modo de organização é o argumentativo; se a função é identificar a posição do sujeito falante com relação ao interlocutor, a si mesmo ou aos outros, então o modo de organização é o enunciativo.

É justamente em virtude desta função de dar conta do posicionamento do locutor no enunciado que o modo enunciativo intervém na encenação dos demais modos. Isso significa que a organização enunciativa permeia o descritivo, o narrativo e o argumentativo, e que alguns de seus procedimentos são empregados a serviço desses outros modos, como será visto na análise dos textos selecionados para compor este trabalho.

De acordo com Charaudeau (2009), não se deve confundir o modo de organização enunciativo com situação de comunicação nem com modalização.

A situação de comunicação envolve os sujeitos sociais – presentes no circuito externo do ato de linguagem – ao passo que o modo enunciativo envolve os seres de fala – protagonistas do ato de linguagem em seu circuito interno. Desse modo, em todo ato de linguagem, o ponto de vista enunciativo envolve o propósito referencial, e ambos são determinados pela situação de comunicação.

A modalização abrange os procedimentos linguísticos que explicitam o ponto de vista do locutor; é uma categoria de língua. Já o enunciativo diz respeito à maneira pela qual o sujeito encena seu dizer; é, portanto, uma categoria de discurso. Assim, modalização está para o modo enunciativo da mesma forma que a narração está para o modo narrativo, por exemplo.

Conforme dito anteriormente, a essência de um modo de organização do discurso é a ordenação e a articulação de categorias de línguas de acordo com uma finalidade comunicativa. O modo enunciativo, na perspectiva da análise do discurso, consiste então em organizar e ordenar categorias linguísticas a fim de elucidar o ponto de vista do sujeito enunciativo em relação ao que ele mesmo diz, ao que o outro diz e a seu interlocutor. Essas instâncias justificam a determinação de três

funções do modo enunciativo: a **elocutiva**, a **delocutiva** e a **alocutiva**, respectivamente.

Modalidade elocutiva

Na modalidade elocutiva, o sujeito modaliza o discurso a fim de revelar seu ponto de vista sobre o mundo, sem que isso implique o interlocutor. Esse posicionamento do sujeito falante pode ser expresso como:

- Um modo de saber, que exprime a forma pela qual o sujeito tem conhecimento sobre um propósito (modalidades da **constatação** e do **saber/ignorância**);
- Um modo de avaliação, que indica a maneira pela qual o sujeito julga um propósito (modalidades da **opinião** e da **apreciação**);
- Um modo de motivação, que expressa o motivo que leva o sujeito a realizar o propósito (modalidades da **obrigação**, da **possibilidade** e do **querer**);
- Um modo de engajamento, que especifica o grau de adesão ao propósito (modalidade da **promessa**, da **aceitação/recusa**, do **acordo/desacordo** e da **declaração**);
- Um modo de decisão, que mostra o estatuto do sujeito em relação ao tipo de decisão (modalidade da **proclamação**).

Modalidade delocutiva

O comportamento delocutivo é caracterizado por um “jogo” de apagamento do sujeito falante e de seu interlocutor. O sujeito apresenta um ponto de vista externo, comportando-se como um testemunho da forma como os dizeres sobre o mundo se impõem a ele. Desse modo, produz-se um efeito de objetividade/neutralidade da enunciação, como se o sujeito realmente não tivesse ponto de vista e deixasse o discurso falar por si mesmo. Em virtude desse efeito de sentido, a modalidade delocutiva é predominante nos gêneros jornalísticos.

Contudo, convém ressaltar que essa aparente objetividade é apenas um **efeito de sentido**, produzido a partir de estratégias e procedimentos linguísticos e discursivos, uma vez que “a subjetividade (ou a inserção do sujeito produtor do texto no discurso) dá-se por graus variados de manifestação da presença” (CORTEZ, S.

L.; KOCH, I. V., 2012, p. 15).

Os discursos externos ao sujeito falante podem se impor a ele de duas maneiras:

- Por si só: o sujeito apresenta os dizeres sobre o mundo e os relaciona a seu grau de asserção (modalidade da **evidência, probabilidade** etc.);
- São produzidos por um outro locutor e relatados pelo sujeito falante (modalidades de **discurso relatado** – citado, integrado, narrativizado e evocado).

Modalidade alocutiva

Na modalidade alocutiva, o sujeito falante exprime seu ponto de vista implicando o interlocutor e impondo-lhe um comportamento, em uma relação de influência. Assim, o sujeito falante pode estabelecer com seu interlocutor dois tipos de relação:

- Relação de superioridade (ou relação de força): o locutor impõe ao interlocutor a execução de um(a) dizer/ação (“fazer dizer” / “fazer fazer”). Abrange as modalidades da **interpelação, injunção, autorização, sugestão, proposta, julgamento, aviso**;
- Relação de inferioridade (ou relação de pedido): o locutor faz uma solicitação ao interlocutor, assumindo o papel de alguém que precisa do “saber” ou do “poder fazer” do outro. Compreende as modalidades da **interrogação** e da **petição**.

É com base nesses comportamentos discursivos que serão analisadas as formas pelas quais se manifestam os pontos de vista dos enunciadores das publicações de blogs selecionadas para este trabalho, bem como os efeitos de sentido produzidos na enunciação.

Metodologia

A metodologia adotada neste estudo para a análise dos blogs será pautada no exame das modalidades enunciativas do discurso e em suas respectivas categorias. Em outras palavras, serão identificadas, nas publicações escolhidas, as

marcas linguísticas que materializam as categorias enunciativas, como: a constatação, o querer, o saber, a opinião, a apreciação etc. – para a modalidade elocutiva –; a evidência, a probabilidade, as formas de discurso relatado – para a modalidade delocutiva –; a interpelação, a injunção, a sugestão, o julgamento, a interrogação etc. – para a modalidade alocutiva.

Com base na predominância dessas categorias e comportamentos enunciativos em uma e outra publicação, serão reconhecidos os tipos de contrato de comunicação estabelecidos entre os interlocutores e as imagens produzidas pelos enunciadores de cada texto.

O gênero blog

A origem do blog remonta ao ano de 1992, quando Tim-Berners Lee cria a página virtual denominada “What’s new in ’92”, com o objetivo de divulgar as novidades tecnológicas do universo da *web*. Neste primeiro momento, o blog consistia em uma página com vários *links*¹ para navegação em outras páginas, seguidos de comentários pessoais do autor.

Mais tarde, com a difusão de serviços de edição e publicação de conteúdo online, que dispensavam conhecimentos aprofundados sobre programação, o blog passou a se popularizar e a adquirir caráter mais confessional, aproximando-se de uma espécie de diário íntimo na internet.

O termo original *weblog* é proveniente da junção das palavras *web* (rede mundial de computadores) e *log* (diário de bordo), o que reflete um paradoxo inerente ao próprio formato: um diário pessoal e íntimo que, todavia, é revelado na internet, tornando-se público, aberto, conhecido por qualquer um que manifestar interesse em acessar aquela página virtual. Nesse sentido, o blog difere dos fóruns de discussão: nestes a autoria é dispersa e os leitores buscam informações mais concretas e objetivas, ao passo que naquele a autoria é centralizada (mas não necessariamente única) e os leitores buscam as impressões e o ponto de vista do autor sobre os temas abordados.

Para estabelecer e manter um contrato de comunicação com o leitor, o

¹ Segundo o Dicionário Caldas Aulete (versão digital), link é um “trecho, palavra ou ícone que conecta um ponto a outro em documentos e sites”. Nas páginas da internet, o link geralmente é destacado (aparece ou em negrito ou sublinhado).

autor do blog deve atentar para alguns elementos próprios desses escritos. Em geral, os blogs apresentam uma compilação de textos (*posts*), organizados segundo uma cronologia inversa (dos mais recentes para os mais antigos), os quais possuem um endereço próprio para acesso dentro da rede. A “memória” do blog, ou seu “arquivo”, pode ser organizada com base na cronologia (textos organizados por semanas, meses e anos) ou no tema (categorias temáticas), e esses textos podem ser acessados a partir de uma busca interna na própria página, seguindo os moldes de um buscador comum, como o Google. Também é comum encontrar em blogs uma relação de outras páginas com as quais o autor se identifica e/ou dialoga e cujo conteúdo se assemelha ao do próprio blog.

Além disso, há algumas informações básicas presentes nos blogs que funcionam como elementos garantidores do acordo de leitura entre autor e leitor: a publicação de uma pequena biografia do autor do blog, com o fim de instituir a identidade de quem escreve e de contextualizar o que é escrito; a descrição sucinta do conteúdo da página, definindo sua temática; o espaço para que os leitores do blog se manifestem por meio de comentários, nos quais podem exprimir suas opiniões, sugestões e críticas, reforçando a interatividade própria do ambiente virtual.

Com o fim de manter uma relação “fiel” com o leitor, muitos “blogueiros” (denominação atribuída aos autores de blogs) consideram fundamental publicar conteúdo na internet diariamente e responder a todos os comentários de leitores com a devida atenção de modo que todos se sintam “acolhidos”. Esta preocupação com a fidelidade do público se explica, em parte, pela necessidade de manutenção da publicidade nos blogs, responsável por gerar retorno financeiro a seus autores – os quais muitas vezes profissionalizam seus *blogs* e assumem a atividade de blogueiro como profissão.

Mediante a facilidade de publicação de conteúdo, muitos blogs foram criados com um propósito mais jornalístico, configurando fontes alternativas de informação aos veículos midiáticos tradicionais. Mais que tornar público um fato, o blog traz comentários e explicita um ponto de vista pessoal sobre esse fato, ou seja, exprime as impressões de seu autor sobre o que é divulgado.

Diante da “realidade jornalística”, o blog possui uma resposta rápida, mais impressionista e mais pessoal do que os meios de comunicação

tradicionais e, por sua vez, contribui para ampliar as fronteiras da realidade midiática. Um dos efeitos da apropriação paulatina da rede por parte de novos atores que produzem o conteúdo é que a agenda pública já não é exclusivamente marcada pelos grandes meios de comunicação. Atores antigos e novos compartilham o papel de protagonistas em um ecossistema comunicacional renovado. (ORIHUELA, 2007, p. 6)

Como exemplo desse tipo de blog que se assume como meio alternativo às mídias tradicionais pode-se destacar: o **Blog do Tas**, assinado pelo jornalista e apresentador de TV Marcelo Tas, no qual tece comentários pessoais – às vezes, permeados por certa dose de humor – sobre fatos que estão na pauta do dia; o **blog Folha Política**, que se propõe a fazer um “jornalismo independente”, segundo definição própria, apresentando e comentando fatos que, muitas vezes, não recebem destaque nas mídias tradicionais; o **blog Anonymous Brasil**, que se sobressaiu na cobertura de uma onda de protestos ocorrida em maio de 2013 em várias cidades do país, divulgando informações e versões dos fatos que, em geral, não eram privilegiadas pela TV, jornais nem pelos principais sites de notícias.

A configuração da escrita nos blogs varia de acordo com sua finalidade, com a temática e com o próprio estilo de seu autor. O blog pode se aproximar de um diário íntimo, caso a escrita seja predominantemente confessional; ou então pode criar efeitos de distanciamento com o leitor, caso sua temática seja mais noticiosa; ou ainda pode mesclar uma linguagem do tipo jornalística com comentários mais subjetivos sobre os fatos do cotidiano, aos moldes da crônica. Entretanto, conforme assevera Shittine (2004), a despeito dessas possíveis diferenças, todos os blogs apresentam em comum a inserção das impressões pessoais de seus autores nos textos publicados: “[os diaristas virtuais] não conseguem falar dos assuntos mais sérios sem que neles misturem um pouco de suas vidas íntimas, de seus sonhos, de sua própria história” (p. 188).

Desse modo, talvez possamos aventar a hipótese de que o blog constitui um único gênero textual (com suas características próprias no que se refere ao formato e à escrita), porém, com uma heterogeneidade contratual determinada pela temática, pela finalidade e pelo estilo de quem o assina.

Essa diversidade própria dos blogs poderá ser atestada com o exame das modalidades enunciativas do discurso presentes nos textos selecionados para este artigo. O primeiro texto foi extraído do blog **Morando Sozinha**, de Fran Guarniei, e o

segundo, do blog do jornalista **Juca Kfour**.

Blog Morando sozinha

O blog **Morando Sozinha** é assinado por Fran Guarniei, mineira de 21 anos que, aos 18, decidiu morar sozinha em uma região mais próxima à faculdade e ao local de trabalho. Com isso, resolveu criar o blog para dividir com os leitores a nova experiência de sair da casa dos pais e arcar com todas as responsabilidades implicadas na nova rotina.

Assim, o blog conta com categorias variadas, que vão desde sugestões para quem deseja morar sozinho até dicas de moda e de leitura, passando por receitas, projetos do tipo “faça você mesmo”, decoração, planejamento financeiro e outros temas.

No texto selecionado para ilustrar este trabalho, a blogueira ensina como fazer uma vela decorada para compor um ambiente e deixá-lo mais aconchegante, em um projeto do tipo “faça você mesmo”.

[Vela decorada](#)

22/10/2014

Se tem algo que eu nunca me canso de comprar é velas. Não resisto, gente, elas são tão cheirosas e deixam o clima tão bom quando você apaga algumas luzes.

Mas não basta amar muito, eu tenho que viciar vocês também, hahaha. E por isso, no vídeo de hoje ensinei como fazer uma vela decorada. E é tão fácil que dá para fazer vários modelos, só depende da sua criatividade. E uma outra ideia é que também dá para fazer para vender, já pensou? Ainda mais agora que está cada vez mais perto do final do ano. Se viesse em uma caixa bonita e as velas com um aroma gostoso, quem ia querer? EU EU EU!

[VÍDEO]²

² Neste momento do texto, a autora insere o vídeo em que apresenta o passo-a-passo para fazer a vela decorada.

Viram como é fácil? A vela que eu comprei veio sem cheiro, mas é só colocar algumas gotinhas da essência que você mais gosta e pronto!

Não é muito amor? <3

Do ponto de vista enunciativo, o texto apresenta marcas explícitas do posicionamento do enunciador com relação a seu interlocutor (comportamento alocutivo) e em relação ao que ele mesmo diz (comportamento elocutivo).

1º parágrafo:

Modalidade alocutiva

Interpelação (modalidade em que o enunciador se dirige ao interlocutor, destacando-o e designando-o por um termo de identificação) – “Não resisto, gente (...)”.

Neste caso, a identificação se materializa por meio do termo genérico “gente”, uma vez que o interlocutor é coletivo (um conjunto de leitores).

Modalidade elocutiva

Apreciação (avaliação de ordem afetiva; o enunciador faz um julgamento com base em seus sentimentos) - “Não resisto, gente, elas são tão cheirosas e deixam o clima tão bom quando você apaga algumas luzes”.

O julgamento apreciativo aqui incide sobre o que Charaudeau (2009) descreve como domínio do Hedônico, isto é, um domínio de avaliação que “define em termos de *agradável* ou de *desagradável* o que pertence ao âmbito dos *sentidos* que buscam *prazer* em relação com os projetos e as ações humanas” (p. 232, grifos do autor).

2º parágrafo:

Modalidade elocutiva

Apreciação - “Mas não basta amar muito (...)”

Obrigação (o enunciador estabelece com seu enunciado uma ação a fazer, motivada por coerções de ordem ética ou pragmática, cuja execução depende apenas dele) – “(...) eu tenho que viciar vocês também, hahaha”.

A obrigação, neste caso, é motivada por coerções de ordem pragmática (que define o que é útil ou inútil), já que o projeto das velas decoradas é útil e prático para os leitores do blog; todavia, essa obrigação também é permeada por uma certa necessidade da blogueira de dividir com os leitores seu apreço por velas decoradas. Desse modo, a forma verbal “tenho”, nesta frase, exprime uma obrigação determinada por uma necessidade.

Querer (o enunciador afirma estar em uma situação de carência e enxerga como benéfica a ação a ser realizada para suprir esta falta) - “Se viesse em uma caixa bonita e as velas com um aroma gostoso, quem ia querer? EU EU EU!”

Modalidade alocutiva

Interrogação (o enunciador pede uma informação ao interlocutor, que é considerado competente para responder) - “E uma outra ideia é que também dá para fazer para vender, já pensou?”

Mais que um simples pedido de informação, a interrogação aqui funciona como uma **sugestão**, modalidade alocutiva na qual o enunciador propõe ao interlocutor realizar uma ação a fim de melhorar sua situação. Vender velas decoradas, sobretudo em época próxima às festas de fim de ano, consistiria, para o enunciador, em uma boa forma de lucrar sem ter de investir muito no projeto.

3º parágrafo:

Modalidade alocutiva

Interrogação - “Viram como é fácil?”

A interrogação aqui é empregada para reforçar o argumento de que o projeto é de fácil execução e que, portanto, o leitor deveria executá-lo. A modalidade alocutiva da interrogação está, dessa maneira, a serviço de uma argumentação, de um projeto de influência.

4º parágrafo:

Modalidade alocutiva e elocutiva

Interrogação – “Não é muito amor? <3”

Apreciação – “Não é muito amor? <3”

Nesta frase, há dois comportamentos enunciativos explicitados: o alocutivo, expresso por intermédio da interrogação; e o elocutivo, materializado por meio da apreciação afetiva. O símbolo que representa um coração na linguagem virtual (<3) reforça o julgamento afetivo do enunciador com relação ao projeto das velas decoradas.

Além desses elementos, o texto se vale também de outras marcas linguísticas que manifestam a presença do enunciador e do interlocutor no enunciado: pronomes de primeira pessoa e pronomes de tratamento (eu – 1º, 2º e 3º parágrafos; você/vocês – 2º e 3º parágrafos), pronome possessivo de terceira pessoa (sua – 2º parágrafo), “risadinha” (2º parágrafo) e símbolos de coração comumente utilizados na internet para expressar afetividade (<3) (4º parágrafo).

Assim, neste primeiro texto, o modo de organização enunciativo se manifesta mediante as modalidades **elocutiva** (o enunciador apresenta seu ponto de vista sobre o mundo) e **alocutiva** (o enunciador implica o destinatário), o que condiz com o teor confessional predominante no blog. Os comportamentos enunciativos depreendidos do texto produzem um efeito de proximidade e de intimidade entre enunciador e interlocutor, como se ambos estivessem dialogando e como se o leitor do blog adentrasse o universo particular da blogueira.

Dessa forma, também é possível captar o *ethos* discursivo do enunciador (imagem construída no interior do discurso)³ produzido no texto: o de uma pessoa amigável, simpática, sempre disposta a interagir e a compartilhar experiências com seus leitores.

Visto que a finalidade deste blog é justamente a de dividir dicas, sugestões e opiniões sobre fatos inerentes à experiência de morar sozinha, a explicitação de marcas elocutivas e alocutivas se mostra pertinente para produzir o tom pessoal/confessional que um blog desta natureza e com esta temática se propõe a ter.

³ A noção de *ethos* provém da Retórica e se refere aos “traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para dar uma boa impressão (...). O orador enuncia uma informação e, ao mesmo tempo, diz: eu sou isto aqui, não aquilo lá” (BARTHES, 1970, p. 212 *apud* AMOSSY, 2008, p. 13).

Blog do Juca Kfourri

O blog do jornalista e comentarista esportivo Juca Kfourri está hospedado no portal do provedor de notícias UOL, na categoria UOL esportes. Seus textos versam, em geral, sobre questões relativas ao esporte, com destaque para o futebol, bem como sobre questões do cenário político brasileiro.

O texto extraído do blog foi publicado no dia seguinte ao segundo turno das eleições presidenciais de 2014 no Brasil. O pleito foi marcado por uma disputa acirrada entre a candidata à reeleição, Dilma Roussef, e o candidato de oposição, Aécio Neves, com vitória da primeira por uma diferença de aproximadamente 3 milhões de votos. No mesmo período ocorria o Campeonato Brasileiro de futebol, no qual os dois principais times de Minas Gerais, Cruzeiro e Atlético Mineiro (ou Galo), ocupavam, respectivamente, a primeira e a segunda posições no *ranking* geral. O texto de Kfourri escolhido para este artigo apoia-se em uma analogia entre esses dois eventos.

[Minas está onde sempre esteve](#)

Juca Kfourri

27/10/2014 06:55

O grande escritor mineiro Otto Lara Rezende um dia escreveu que “Minas está onde sempre esteve”.

No chamado “país do futebol”, Minas está no primeiro e segundo lugares do Campeonato Brasileiro com o Cruzeiro e o Galo.

No país que terminou o segundo turno da eleição presidencial, dois mineiros disputaram a cadeira no Palácio do Planalto e a mineira Dilma Rousseff, que é atleticana, venceu o cruzeirense Aécio Neves na terra deles e na de todos nós.

Por três pontos, coisa de pouco mais de 3 milhões e 400 mil votos.

Já o Cruzeiro está sete pontos à frente do Galo e hoje, caso o São Paulo, terra do estado que deu a vitória ao mineiro, vença o Goiás, passará o Galo e ficará a cinco pontos do líder.

Na margem de erro, menos dois pontos para o Cruzeiro, mais dois para o São Paulo, haverá o que se chama quase de empate técnico.

O que pode significar que tenhamos uma reta final também no segundo turno do Brasileirão tão emocionante como na eleição.

Viva o Brasil!

Neste texto, o modo enunciativo se manifesta predominantemente na modalidade **elocutiva**, com a categoria da **constatação**. Nela o enunciador se limita a observar a existência de um fato sem julgá-lo explicitamente:

É claro que o simples fato de expressar uma “Constatação” é uma maneira de *tomar conhecimento* dessa existência (“*agora eu sei por experiência própria*”) mas é também uma maneira de significar que ele se recusa a avaliar (“*Eu não julgo, eu constato*”). (CHARAUDEAU, 2009, p. 91, grifos do autor)

A constatação pode ser verificada nas sequências narrativas do texto: “No chamado ‘país do futebol’, Minas está no primeiro e segundo lugares do Campeonato Brasileiro com o Cruzeiro e o Galo”; “dois mineiros disputaram a cadeira no Palácio do Planalto e a mineira Dilma Rousseff, que é atleticana, venceu o cruzeirense Aécio Neves”; “Já o Cruzeiro está sete pontos à frente do Galo”.

Além do comportamento elocutivo, o enunciador do texto faz uso, no primeiro parágrafo, de um recurso característico da modalidade **delocutiva**: o discurso relatado. Ao reproduzir as palavras do escritor Otto Lara Rezende, o enunciador lança mão do que Charaudeau (*op. cit.*) define como discurso relatado citado, ou seja, aquele em que as palavras de um outro são reproduzidas da forma exata como foram enunciadas, sem interferência direta do enunciador que as retoma. É a forma correspondente ao que a gramática tradicional denomina de discurso direto: “O grande escritor mineiro Otto Lara Rezende um dia escreveu que ‘Minas está onde sempre esteve’”. Neste caso, é a citação que dará o mote para o desenvolvimento do texto – o enunciador analisará o “lugar” que o estado de Minas Gerais ocupa nos dois acontecimentos mencionados (nas eleições presidenciais e no Campeonato Brasileiro).

O modo enunciativo, neste texto, manifesta-se, portanto, menos explicitamente que no primeiro. Não há aqui tantas marcas de elocução e de

alocução, tampouco marcas de primeira e segunda pessoas, risadinhas ou símbolos afetivos. Quando explicitada, a enunciação aparece predominantemente sob a forma de constatação, que é a categoria responsável por conferir um efeito de objetividade ao dizer, caracterizada pela ausência aparente de julgamentos avaliativos.

Não se pode negar, evidentemente, que o texto apresenta algumas marcas de subjetividade mais explícitas, como o emprego do adjetivo avaliativo “grande” (“O grande escritor mineiro”); do advérbio de intensidade “tão” seguido do adjetivo também avaliativo “emocionante” (“O que pode significar que tenhamos uma reta final também no segundo turno do Brasileirão tão emocionante como na eleição”); e da interjeição final “Viva o Brasil!”. Entretanto, o tom predominante da publicação segue uma linha menos confessional e mais jornalística – sem, contudo, prescindir das impressões pessoais do enunciador.

Esses traços condizem com o tipo de contrato estabelecido entre enunciador e interlocutor neste tipo de blog: o enunciador tece comentários sobre assuntos da ordem do dia do esporte e da política, e o destinatário é alguém interessado em saber de que forma os fatos são lidos e interpretados pelo enunciador. Em virtude disso, não se faz necessário apelar para um discurso de maior proximidade/intimidade com o leitor, como ocorre no primeiro blog analisado, em que os temas eram mais pessoais, íntimos e circunscritos ao universo familiar e doméstico.

É possível mesmo afirmar que a presença do enunciador no texto de Kfoury é marcada menos pela explicitação de categorias elocutivas e delocutivas, e mais pela própria encenação do discurso, que se apoia na analogia estabelecida entre as eleições presidenciais e o Campeonato Brasileiro de futebol. O enunciador “brinca” com os dois eventos, comparando-os do ponto de vista do acirramento da disputa. Da mesma forma que a disputa presidencial foi acirrada no “país que terminou o segundo turno da eleição presidencial”, o Campeonato, no “país do futebol”, também poderá ser, caso o Cruzeiro perca o próximo jogo e o São Paulo ganhe. A comparação tem como ponto de partida o fato de os presidenciais serem mineiros e os dois líderes do campeonato serem justamente os dois times de Minas Gerais para os quais os candidatos torcem, o que, no texto, acentua ainda mais a competição em ambos os eventos.

O jogo com as expressões “na margem de erro” e “empate técnico” –

típicas da linguagem dos institutos de pesquisa que verificam as intenções de voto às vésperas do pleito – aplicadas a um outro universo (o esportivo), produz uma analogia lúdica entre as duas competições. A emoção propiciada pela intensidade dessas disputas no país é celebrada, ao final, com um “Viva ao Brasil!”.

Ressalte-se que a comparação é explicitada somente no penúltimo parágrafo do texto, com as expressões “também” e “tão... como” (“O que pode significar que tenhamos uma reta final também no segundo turno do Brasileirão tão emocionante como na eleição”). Até este momento final do texto, a comparação é estabelecida implicitamente, por meio de períodos justapostos e do paralelismo sintático e semântico.

A temática e a finalidade deste blog, juntamente com o estilo de seu autor, determinam, portanto, o uso de marcas enunciativas menos categóricas, identificadas em sua maioria nos procedimentos discursivos da encenação.

Considerações finais

Da análise dos textos escolhidos para compor este trabalho, verificou-se que, apesar de constituírem um único gênero – o blog –, os textos apresentam distinções do ponto de vista enunciativo.

Em **Morando Sozinha**, o modo de organização enunciativo se materializa de forma mais explícita, com a predominância de categorias linguísticas das modalidades **elocutiva** e **alocutiva**. Neste blog, há um esforço para que se estabeleça uma relação de proximidade e de afetividade entre enunciador e interlocutor, o que é condizente com a temática íntima, confessional e familiar desta página virtual. O enunciador se apresenta como alguém amigável e simpático, disposto a interagir com seu interlocutor e a compartilhar experiências e opiniões. A necessidade de interação direta e de proximidade com o leitor justifica o emprego de categorias como a apreciação, o querer, a interpelação, a interrogação, além do uso de pronomes de primeira e segunda pessoas, adjetivos avaliativos, “risadinhas” e símbolos afetivos próprios da internet.

Por outro lado, no blog *de Juca Kfour*, o modo enunciativo se manifesta de modo menos explícito, com o predomínio da categoria elocutiva que produz justamente um efeito de objetividade: a constatação. No blog, que versa sobre

esportes e política, o contrato firmado entre autor e leitor não é o de intimidade, mas sim o de credibilidade – o leitor se interessa pelos comentários de Juca Kfouri porque o jornalista adquiriu credibilidade ao longo de sua carreira. A imagem do enunciador é, assim, a de um jornalista respeitado, capaz de fazer uma leitura crítica de fatos não só do domínio esportivo, mas também do panorama político de seu país. Em virtude disso, é na encenação discursiva que o ponto de vista do enunciador se faz mais presente.

Entretanto, explícita ou implicitamente, de forma mais confessional ou mais distante, ambos os textos apresentam as impressões pessoais de seus enunciadorees: no primeiro, com marcas linguísticas explícitas da enunciação; no segundo, com procedimentos da encenação discursiva, que instauram um jogo comparativo.

Esse ponto em comum é o que torna ambos pertencentes a um mesmo gênero (o blog) e é também o que justifica, por exemplo, o cotejo de um texto com o outro. A diversidade inerente ao próprio universo virtual se reflete, assim, na complexidade dos novos gêneros que surgiram com a revolução digital, como o blog.

Por fim, cabe ainda salientar que, mesmo de forma implícita, o modo enunciativo de organização do discurso permeia textos com diferentes finalidades e temáticas e está sempre a serviço do “jogo” de encenação discursiva.

Referências

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**: modos de organização. Tradução de Angela M. S. Corrêa e Ida Lucia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

CORTEZ, S. L.; KOCH, I. G. V. A construção do ponto de vista por meio de formas referenciais. In: CAVALCANTE, M. M.; LIMA, S. M. C. de (Org.). **Referenciação**: teoria e prática. São Paulo: Cortez, 2013.

GUARNIERI, F. Vela decorada. In: **Morando sozinha**. 22 out. 2014. Disponível em: <http://morandosozinha.com.br/vela-decorada/>. Acesso em 4 nov. 2014.

KFOURI, J. Minas está onde sempre estive. In: **Blog do Juca Kfouri**. 27 out 2014. Disponível em <http://blogdojuca.uol.com.br/2014/10/minas-esta-onde-sempre-estive/>. Acesso em 4 nov. 2014.

MOTTA, R.; SALGADO, L. (Org.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

ORIHUELA, J. L. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: ORDUÑA, O. I. R. et al. **Blogs**: revolucionando os meios de comunicação. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Recebido em 12 de fevereiro de 2015
Aprovado em 26 de abril de 2015